



A FESTA

Alexandre Santos

ALEXANDRE SANTOS

A FESTA

As duas versões



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Jacinto Almeida

Gérman Cárceres

Caio Porto

Carlos Newton Júnior



O passado esconde muitas festas

Para Marcelo Reis

Versão I

A festa

Desde a estreia do amido como base da massa de uma das receitas mais prestigiadas de Matilde, inclusive do bolo preparado exclusivamente para o primeiro centenário do senhorzinho Eudes (que, na época, estava rejuvenescido e já usava outro nome), o milho passara a ser muito valorizado, inclusive na Europa, em especial na península Ibérica, onde muitas mesas eram frequentadas por nobres vindos do Novo Mundo, trazendo costumes cultivados n'além mar.

Como em casos semelhantes, o novo frisson culinário deu início a falatórios, cultos e festas, construindo uma tradição, que, a partir de Terra Brasilis, se alastrou

para a metrópole e, de lá, ganhou o mundo, em manifestações culturais de natureza religiosa e profana, com lendas e festas de todas as naturezas.

As lendas eram muitas. Pelos recantos de mosteiros e igrejas, terços eram rezados com fervor, tanto em pedidos como em agradecimentos por chuvas caídas no dia de São José, fato que, segundo um conhecimento vindo ninguém-sabe-de-onde, era sinal de boa safra. Por todo o continente, para atrair dinheiro e sorte nos negócios, comerciantes recheavam bisacos e alforjes com grãos de espigas colhidas à meia noite. Nas festas da colheita, reproduzindo simpatia conhecida desde sempre, antes de servir espigas aos rapazes desejados, donzelas as esfregavam suavemente na umidade de suas partes mais íntimas, impregnando-as com o

próprio cheiro e sabor para encantá-los e, assim, conquistar-lhes o amor. Em meio a sorrisos abafados, matronas confidenciavam às filhas que, se quisessem filhos viris e avantajados, deveriam alimentá-los com papa do milho vindos de sementes especiais. À boca miúda, nas tavernas mau afamadas das zonas portuárias, boêmios e menestréis ensinavam que, se bebido em coquetel energizado com absinto nas noites de lua cheia, o chá da palha do milho curava doenças do mundo, inclusive as blenorragias, as sarnas e diversos tipos de xanha. A aplicação da pomada feita com o milho da Escola de Matilde no momento e no local adequados podia evitar a gravidez e reconstituir himens e esfíncteres esfacelados pelo vuc-vuc, deixando-os

novinhos em folha, da forma como tinham vindo ao mundo.

As lendas eram muitas.

Se a quantidade de lendas era grande, o número de festas e padroeiros não era menor.

Muitas e muitas cidades, especialmente aquelas surgidas à sombra dos milharais, tinham igrejas e templos dedicados a santos protetores e deuses do milho. Na realidade, contaminadas por um clima só compreendido pelos que deles participavam [dos festivais], as cidades e vilas realizavam grandes festivais para agradecer e comemorar colheitas - festas ajustadas aos padrões culturais locais, tão maiores quanto maiores fossem os níveis de gratidão e de reconhecimento pelas safras já colhidas ou ainda por colher. Brotadas espontaneamente, mas refletindo

a memória coletiva carregada desde épocas imemoriais, a festança seguia ao modelo comum dos antigos rituais da fecundação e do parto e - independentemente da vontade dos organizadores e convivas -, ao tempo em que fazia agradecimentos à terra, aos eventuais padroeiros e à divindade cultuada, comemorava a fartura e a fartura, descambando, quase sempre, para ritos sexuais, abrigando, mesmo, a conjunção carnal e, até, orgias desregradas sem hora para acabar.

Não era diferente em São João do Pau Roxo, na zona rural da província leste.

Anualmente, a pequena vila comemorava a safra com o tradicional Festival do Pau Roxo - uma grande festa que, na segunda quinzena do mês de junho, celebrava o espírito da fartura em

grande estilo, realizando liturgias religiosas e folguedos mundanos tão irresponsáveis quanto inesquecíveis. Naquele período (fingindo não saber que, pelas ruas, tabernas e alcovas, aos urros e sussurros próprios do amor e das noitadas sem fim, casais e grupos desafiavam a aurora sem perder o entusiasmo, como se a véspera não tivesse acabado), junto com o cantar dos galos, o badalar dos sinos de todas as igrejas convocavam residentes e visitantes para as primeiras missas do dia, abrindo uma jornada que - passando por outras missas, liturgias, bênçãos, procissões, saraus, desfiles, concursos, festas-de-rua, danças, banquetes, bailes, shows e tudo-o-mais-que-desse-na-cabeça das pessoas -, num portfólio interminável, que desafiava a resistência e a compreensão de todos (especialmente dos visitantes), com a

densa agenda programada para durar até o próximo raiar do sol.

Sem saber dos artifícios usados pelos foliões para ampliar as capacidades e sensibilidades, um observador externo não compreenderia como, contrariando a lógica, habitantes e visitantes suportavam a intensa maratona de devoções e diversões durante o Festival do Pau Roxo. A realidade é que, naquele período, as pessoas recebiam um suporte especial para a festança, preparando o corpo e o espírito com doses mágicas do carmii - uma bebida fermentada a partir do suco de milho (para ativar a sensibilidade) -, do vargil - um incenso de consumo individual ou coletivo que misturava diversas cepas do milho (para despertar o humor e liberar poderes desconhecidos) - e do lokky - um finíssimo rapé cuja fórmula secreta incluía

raspa de sabugos especiais (para aumentar o apetite e o vigor sexual). Aliás, respeitadas a devoção e a entrega [das pessoas] ao espírito do milho como elementos primais, o carmii, o vargil e o lokky eram as fontes do torpor e da energia que marcavam e animavam a festança. Assim, energizada e embriagada, sempre generosa e gentil, a vila explodia em alegria durante o Festival do Pau Roxo, como se, naquele período, o espírito encarnado da festa e da vitória sacolejasse a apatia e orientasse os bombásticos rituais de iniciação e de agradecimento.

Foi nesse clima que - em função dos inesperados problemas no ônibus que os levava do remoto convento de Santa Gertrudes à sede da Diocese de Santa Felomena (há quem diga ter sido aquela pane uma obra do destino, armação de

algum anjo treloso ou, mesmo, do chamado silencioso de um dos deuses do milho) -, ao invés da tranquilidade que se respirava nos domínios do bispo Jonas Macedo, os diáconos Augusto, Euclides e Olívio depararam a festa de São João do Pau Roxo. Embora, até então, levassem vida santa, [uma vez] submetidos aos vapores do vargil que permeavam o ar da cidade, os jovens religiosos não conseguiram manter-se alheio à festança e, em poucos minutos, revelando traços de humanidade até então reprimidos, soltaram a leveza que fazia flutuar os demais.

De fato, embora, inicialmente, muito compenetrados e, mesmo, hostis ao clima de festa, os quase meninos Augusto Pinotti - rapaz ainda imberbe, que, desde o catecismo ministrado na paróquia de São

Genaro, na freguesia da Panela Rasa, se preparava para a vida monástica -, Euclides Valdez - jovem acusado n'alguns círculos de impetuosidade excessiva, que, orientado, inicialmente, pelo tio Exedito Valdez e, depois, pelo próprio monsenhor Souza Viana, vivia os últimos momentos de liberdade antes de recolher-se à clausura perpétua - e Olívio Oliva - discípulo favorito do cônego Martins Barata, a quem, segundo a opinião corrente na prelazia, deveria suceder - não resistiram à alegria advinda do vargil que incensava a cidade e, pouco a pouco, visivelmente contaminados pelo espírito de Pau Roxo, começaram a dar demonstrações de euforia, até, finalmente, serem arrebatados pela gandaia reinante na região.

Muitos anos depois, exercendo cargos de prestígio nos círculos mais

elevados da hierarquia clerical, sem jamais compartilhar os acontecimentos daquele passado longínquo em segredo guardado nos porões da memória nunca revelada, escondida até para o padre confessor, os bispos Augusto Pinotti, Euclides Valdez e Olívio Oliva, em frequentes mergulhos em si próprios, lembravam com saudade as traquinagens juvenis vividas em São João do Pau Roxo.

Na ocasião, após acolhida com música, danças e taças fumegantes de uma bebida (que, depois, lhes foi dito chamar-se *carmii*), cada um deles foi recepcionado com flores e, depois de incensados pelo próprio pároco que manuseava o turíbulo do qual escapava fumaça de agradável cheiro adocicado, foram separados e guiados por mulheres jovens de todas as idades, através de um labirinto de becos e

ruelas enfeitadas e perfumadas. Eles lembravam que, no início, ainda tentaram resistir às jovens sob a alegação de que 'estavam em grupo e queriam ficar juntos', mas, disseram elas, aquilo não seria possível, pois, desde a antevéspera, conforme mostrava a multidão pelas ruas, São João do Pau Roxo estava empanturrada de forasteiros e suas poucas hospedarias estavam lotadas. A quantidade excessiva de turistas, no entanto, não representaria qualquer problema, pois, como acontecera em muitas outras oportunidades, nos termos da hospitalidade exaltada pelo espírito da Festa, sempre que aquilo ocorria, as famílias residentes escancaravam as portas para acolher peregrinos em suas residências, dando o melhor de si para acomodá-los com conforto. Vinha sendo

assim nos últimos trezentos anos e não seria diferente daquela feita.

E, assim, lembravam eles, em instantes, após curtas caminhadas, chegaram a casas distanciadas poucas centenas de metros entre si, que, como todas as outras, exalavam o mais puro vargil. Bem ao espírito daqueles dias, junto com a mais calorosa das boas-vindas, conforme a tradição do Pau Roxo, todos receberam generosas porções de carmii e de lokki.

A festa inesquecível estava por começar.

Como se protagonizassem o mesmo filme, simultaneamente, antes, mesmo, de desfazer malas e mochilas, na sequência de um suave 'posso entrar?', cada um dos jovens diáconos recebeu a visita de uma bela jovem, que - após apresentar-se como

a 'rainha do milho', oferecer-lhe uma espiga recentemente almiscarada e medi-lo de cima a baixo com o comentário malicioso de que "pelo seu tamanho, você deve ter sido criado com papa do milho especial" - deixou cair as vestes e, nua em pelo, sem aceitar recusas, desfrutou e fez valer o impulso do lokki, submetendo-o a uma vigorosa jornada de sexo animal, por caminhos que, longe dos freios propostos pelo catecismo ensinado nas igrejas, passaram por tudo e muito mais. Sem ideia de que coisa igual também acontecia com os colegas, sem pecado ou remorso, cada qual se sentiu no paraíso e, mesmo alquebrado, não queria parar a função. De repente, no entanto, como se atendesse ao chamado do próprio São João do Pau Roxo, em cada uma das três casas, num pequeno salto, com graça e agilidade, a rainha do

milho interrompeu o mandrilhar, desencanaixou a vulva e, já de pé, soprando um beijo, se despediu.

- É hora de ir - a mesma despedida foi ouvida simultaneamente pelos três jovens, fazendo ruir o pequeno castelo de alegrias, que, tendo conhecido um outro lado do mundo de Deus, cada um [deles] erguera na última hora.

- Qual é o seu nome? - Augusto, Euclides e Olívio fizeram a mesma pergunta.

A mesma pergunta, várias respostas.

- Meu nome é Ágata - ouviu-se numa das alcovas. - Úrsula - uma voz rouca falou na outra. - Me chame de Rebeca - a terceira mulher disse com um sorriso.

Em cada um dos quartos, a reação foi a mesma.

- Você não pode ficar mais um pouco? - foi o apelo unânime feito pelos jovens às mulheres.

- Deixe de ser guloso. Preciso dar as boas-vindas aos seus amigos. Mas, não fique triste. Você não ficará sozinho por muito tempo. - e, de repente como aparecera, do nada, a jovem sumiu.

Em outra circunstância, depois do 'pecado' e do intenso esforço da última hora, os rapazes deveriam estar prostrados física e espiritualmente, mas, pelo contrário - talvez função da deliciosa descoberta, talvez pela bebida, pelo rapé ou, quem sabe, pelos vapores mágicos -, permaneciam despertos e mantinham a ereção. Ainda nos camas, sem compreender os acontecimentos das últimas horas e já duvidando se aquilo tudo não passara de um sonho a ser guardado

só para si, ouviram o som de passos se aproximando:

- Posso entrar? - e, da mesma forma como acontecera há pouco, cada um dos diáconos recebeu a visita de outra jovem, que, depois de reprisar a apresentação inicial, presenteá-lo com uma espiga almiscarada e fazer comentário xulo sobre seus atributos másculos, o submeteu a mais uma vigorosa sessão de sexo sem limite.

A maratona de prazeres prosseguiu até o dia seguinte, quando extenuados tinham conhecido a volúpia incansável das três rainhas do milho eleitas para aquele ano.

Sem que soubessem, os jovens Augusto, Euclides e Olívio cumpriam experiências semelhantes àquelas vividas tempos atrás pelos padres Jonas Macedo,

Souza Viana e Martins Barata, quando, ainda diáconos imberbes, também por razões fortuitas, interromperam a viagem à Diocese e, por poucos dias, conheceram a Festa do Pau Roxo. Na ocasião, sem que procurassem, também tinham sido arrebatados e desfrutados por moças como Ágata, Úrsula e Rebeca, as quais, igualmente na condição de rainhas do milho, cumpriam a antiga tradição e, com devoção, exerciam as tarefas próprias do cargo, deixando os forasteiros esfolados, cientes de o porquê do nome da vila. As rainhas do milho sabiam que, ao verem o estado da sua masculinidade pelos próximos dias, aqueles jovens jamais esqueceriam do real significado do Pau Roxo que qualificava o São João daquela terra.

Depois da curtíssima temporada em São João do Pau Roxo - um estágio não programado que lhes dera mais conhecimento sobre a vida do que todos os cursos ministrados no convento -, os jovens diáconos Augusto Pinotti, Euclides Valdez e Olívio Oliva estavam prontos para enfrentar a carreira religiosa que os aguardava.

Versão II

A festa

Desde a estreia do amido como base da massa de uma das receitas mais prestigiadas de Matilde, inclusive do bolo preparado exclusivamente para o primeiro centenário do senhorzinho Eudes (que, na época, estava rejuvenescido e já usava outro nome), o milho passara a ser muito valorizado, inclusive na Europa, em especial na península Ibérica, onde muitas mesas eram frequentadas por nobres vindos do Novo Mundo, trazendo costumes cultivados n'além mar.

Como em casos semelhantes, o novo frisson culinário deu início a falatórios, cultos e festas, construindo uma tradição, que, a partir de Terra Brasilis, se alastrou para a metrópole e, de lá, ganhou o

mundo, em manifestações culturais de natureza religiosa e profana, com lendas e festas de todas as naturezas.

As lendas eram muitas. Pelos recantos de mosteiros e igrejas, terços eram rezados com fervor, tanto em pedidos como em agradecimentos por chuvas caídas no dia de São José, fato que, segundo um conhecimento vindo ninguém-sabe-de-onde, era sinal de boa safra. Por todo o continente, para atrair dinheiro e sorte nos negócios, comerciantes recheavam bisacos e alforjes com grãos de espigas colhidas à meia noite. Nas festas da colheita, reproduzindo simpatia conhecida desde sempre, antes de servir espigas aos rapazes desejados, donzelas as esfregavam suavemente na umidade de suas partes mais íntimas, impregnando-as com o próprio cheiro e sabor para encantá-los e,

assim, conquistar-lhes o amor. Em meio a sorrisos abafados, matronas confidenciavam às filhas que, se quisessem filhos viris e avantajados, deveriam alimentá-los com papa do milho vindos das maiores espigas. À boca miúda nas tavernas mau afamadas das zonas portuárias, boêmios e menestréis ensinavam que, se bebido em coquetel energizado com absinto nas noites de lua cheia, o chá da palha do milho curava as doenças do mundo, inclusive as blenorragias, as sarnas e diversos tipos de xanha. O uso do creme feito com o milho mais tenro no momento e no local adequados podia prevenir a gravidez indesejada e, mesmo, reconstituir himens e esfíncteres esfacelados pelo vuc-vuc, deixando-os novinhos em folha, da forma como tinham vindo ao mundo.

As lendas eram muitas.

Se a quantidade de lendas era grande, o número de festas e padroeiros não era menor.

Muitas e muitas cidades, especialmente aquelas surgidas à sombra dos milharais, tinham igrejas e templos dedicados a santos protetores e deuses do milho. Na realidade, contaminadas por um clima só compreendido pelos que deles participavam [dos festivais], as cidades e vilas realizavam grandes festivais para agradecer e comemorar colheitas - festas ajustadas aos padrões culturais locais, tão maiores quanto maiores fossem os níveis de gratidão e de reconhecimento pelas safras já colhidas ou ainda por colher. Brotadas espontaneamente, mas refletindo a memória coletiva carregada desde épocas imemoriais, a festança seguia ao

modelo comum dos antigos rituais da fecundação e do parto e - independentemente da vontade dos organizadores e convivas -, ao tempo em que fazia agradecimentos à terra, aos eventuais padroeiros e à divindade cultuada, comemorava a fartura e a fartura, descambando, quase sempre, para ritos sexuais, abrigando mesmo a conjunção carnal e até orgias desregradas sem hora para acabar.

Não era diferente em São José do Pau Roxo, na zona rural da província leste.

Anualmente, a pequena vila comemorava a safra com o tradicional Festival do Pau Roxo - uma grande festa que, na primeira semana do mês de agosto, celebrava o espírito da fartura em grande estilo, realizando liturgias religiosas e folguedos mundanos inesquecíveis.

Naquele período (fingindo não saber que, pelas ruas, tabernas e alcovas, aos urros e sussurros próprios do amor e das noitadas sem fim, casais e grupos desafiavam a aurora sem perder o entusiasmo, como se a véspera não tivesse acabado), junto com o cantar dos galos, o badalar dos sinos de todas as igrejas convocavam residentes e visitantes para as primeiras missas do dia, abrindo uma jornada que - passando por outras missas, liturgias, bênçãos, procissões, saraus, desfiles, concursos, festas-de-rua, bailes, shows e tudo-o-mais-que-desse-na-cabeça das pessoas -, num portfólio interminável, que desafiava a resistência e a compreensão dos foliões, com a densa agenda programada para durar até o próximo raiar do sol.

Sem saber dos artifícios usados pelos foliões para ampliar as capacidades e

sensibilidades, um observador externo não compreenderia como, contrariando a lógica, habitantes e visitantes suportavam a intensa maratona de devoções e diversões durante o Festival do Pau Roxo. A realidade é que, naquele período, as pessoas recebiam um suporte especial para a festança, preparando o corpo e o espírito com doses mágicas do carmii - uma bebida fermentada a partir do suco de milho (para ativar a sensibilidade) -, do vargil - um incenso de consumo individual ou coletivo que misturava diversas cepas do milho (para despertar o humor e liberar poderes desconhecidos) - e do lokky - um rapé cuja fórmula secreta incluía raspa de sabugos especiais (para aumentar o apetite e o vigor sexual). Aliás, respeitadas a devoção e a entrega [das pessoas] ao espírito do milho como elementos primais,

o carmii, o vargil e o lokky eram as fontes do torpor e da energia que marcavam e animavam a festança. Assim, energizada e embriagada, sempre generosa e gentil, a vila explodia em alegria no Festival do Pau Roxo, como se, naquele período, o espírito encarnado sacolejasse a apatia e orientasse os rituais de iniciação e de agradecimento.

Foi nesse clima que os nove homens do norte chegaram a São José do Pau Roxo. Estavam em grupo e, a julgar pela sua [deles] santa algazarra, certamente já contaminados pela alegria advinda do vargil que incensava a cidade, tinham incorporado o espírito de Pau Roxo tão logo chegaram à vila. De fato, além do somelier Giácomo Pescattore - que, em passado remoto, num episódio quase perdido nas profundezas da memória,

brincara uma daquelas festas, vivendo tórrido e efêmero romance com rainha do milho, a belíssima Joyce, que, após servir-lhe a maior e mais deliciosa das espigas de milho, cuidara pessoalmente de demonstrar-lhe a origem do nome 'Pau Roxo' -, o professor Lucélio Rios - que, segundo confessaria anos mais tarde, em premonição despertada ao tragar um charuto boliviano, ficara ansioso ao antever a festança do Pau Roxo - e sete dos seus discípulos mais aplicados - o banqueiro Ulisses Fortuna, o filósofo Genival Vargas, o comerciante Diego Garcia, o esteticista Bill Cat, o músico Damásio Xerxes, o empresário Marco Andreotti e o poeta Alexei Platz (conhecido nos meios artísticos pelo pseudônimo de Erdnaxela Sotnas) - chegaram à vila, excitação a flor da pele, dispostos a se

esbaldar. Na realidade, a visita ao Pau Roxo decorrera de uma (jamais explicada) decisão de última hora, pois, dias antes, ao despedirem-se das famílias, pretendiam, sinceramente, realizar a pescaria planejada a tempos. Alguma coisa, no entanto - talvez o chamado silencioso de um dos deuses do milho, talvez a euforia provocada pela promessa acenada por comentários sobre a grande farra de Pau Roxo, talvez outra coisa qualquer ou, quem sabe, tudo isto junto -, os fez desviar do projeto inicial e, ao invés das águas piscosas do centro, mergulharam nos sonhos da província do Leste.

Como esperado, mais que amistosa, a chegada [deles] a São José do Pau Roxo foi esfuziante. Após acolhida do grupo com música, danças e taças fumegantes de uma bebida (que, depois, souberam chamar-se

carmii), cada um foi recepcionado com flores e, depois de incensados por um turíbulo do qual escapava fumaça de agradável cheiro adocicado, guiados por mulheres jovens de todas as idades, foram separados e, através becos e ruelas enfeitadas e perfumadas, conduzidos ao agradável distrito de 'Nova Babilônia', que, em tênues classes dejà vu, evocavam alguma lembrança em Giácomo Pescattore. Vale dizer que, no início, [eles] ainda tentaram resistir às jovens sob a alegação de que 'estavam em grupo e queriam ficar juntos', mas, disseram elas, isso não seria possível, pois, desde a antevéspera, conforme mostrava a multidão pelas ruas, São José do Pau Roxo estava empanturrada de forasteiros e as poucas hospedarias que compunham a rede hoteleira da vila estavam lotadas. A

quantidade excessiva de turistas, no entanto, não representava qualquer problema, pois, como acontecera em muitas outras oportunidades, nos termos da hospitalidade exaltada pelo espírito da Festa, as famílias residentes escancaravam as portas para acolher peregrinos em suas residências, dando o melhor de si para acomodá-los com conforto. Vinha sendo assim nos últimos trezentos anos e não seria diferente daquela feita.

E, assim, em instantes, após curtas caminhadas, [eles] chegaram a casas distanciadas poucas centenas de metros entre si, mas que, como todas as outras, exalavam o mais puro vargil. Bem ao espírito daqueles dias, junto com a mais calorosa das boas-vindas, conforme a tradição do Pau Roxo, todos receberam generosas porções de carmii e de lokki.

A festa iria começar.

Como se protagonizassem o mesmo filme, simultaneamente, antes, mesmo, de desfazer malas e mochilas, na sequência de um suave 'posso entrar?', cada um deles recebeu a visita de uma bela jovem, que, como uma celerada sem qualquer recato, após o rito de oferecer uma espiga recentemente almiscarada e medi-lo de cima a baixo com o comentário de que "pelo seu tamanho, você deve ter sido criado com papa do milho especial", deixou cair as vestes e, nua em pelo, sem aceitar recusas, desfrutou e fez valer o impulso do lokki, submetendo-o a uma vigorosa jornada de sexo animal, em caminhos que, longe dos freios propostos pelo catecismo, passaram por tudo e muito mais. Sem ideia de que coisa igual também acontecia com os amigos, cada qual se sentiu no paraíso

e, mesmo alquebrado, não queria parar a função. De repente, no entanto, como se atendesse ao chamado do próprio São José do Pau Roxo, em cada uma das nove casas, num pequeno salto, com graça e agilidade, a mulher interrompeu o mandrilhar, desencaixou a vulva e, já de pé, soprando um beijo, se despediu.

- É hora de ir - a mesma despedida foi ouvida por todos, fazendo ruir o pequeno castelo de alegrias que cada um erguera na última hora.

- Qual é o seu nome? - sem saber, todos fizeram a mesma pergunta.

A mesma pergunta, várias respostas.

- Meu nome é Ágata - ouviu-se numa das alcovas. - Carmem - o nome soou como música, numa outra. - Eu me chamo Janice - uma voz rouca falou em outra. - Me chame de Rebeca - a mulher disse com um

sorriso malicioso. - Berenice é o meu nome
- a mulher soprou o nome diretamente no
ouvido do homem, provocando novos
arrepios. - As pessoas me chamam de
RosaMaria - respondeu a jovem, com a voz
de Calíope. - Gerusa - a mulher sussurrou,
já na porta. - Me chamam Catarina - a
jovem encheu o quarto de música. - Você
deve me chamar de Vanja - cantou a moça
que se preparava para sair da casa.

Em cada um dos quartos, a reação foi
a mesma.

- Você não pode ficar mais um
pouco? - foi o apelo unânime ouvido pelas
mulheres.

- Deixe de ser guloso. Preciso dar as
boas-vindas aos seus amigos. Mas não
fique triste. Você não ficará sozinho muito
tempo. - e, de repente como aparecera, do
nada, a jovem sumiu.

Em outra circunstância, depois do esforço despendido na última hora, aqueles rapazes estariam prostrados, mas, estranhamente - provavelmente, em função da bebida, do rapé e dos vapores -, estavam despertos e mantinham a ereção. Ainda em seus quartos, sem compreender os acontecimentos e já duvidando se aquilo tudo não fora um sonho, ouviram o som de passos se aproximando:

- Posso entrar? - e, da mesma forma como acontecera há pouco, cada um deles recebeu a visita de uma jovem, que, depois de repetir a apresentação inicial, presenteando-o com uma espiga de milho almiscarada, o submeteu a nova sessão de sexo sem limites. A maratona de prazeres prosseguiu até o dia seguinte, quando extenuados tinham conhecido a gula incansável das rainhas do milho Ágata,

Carmem, Janice, Rebeca, Berenice, RosaMaria, Gerusa, Catarina e Vanja, que, de sua parte - como, há muito tempo, fizera Joyce com o jovem Pescattore, com o insondável Março de Botas e os irmãos Navarro -, tinham cumprido airoosamente uma das tarefas que o cargo impunha: completamente esfolados, ainda naquele dia, os forasteiros saberiam o significado do Pau Roxo'.

Depois daquela curtíssima temporada no distrito de Nova Babilônia, os nove amigos estavam prontos para a pescaria que os aguardava.